

Editorial

Este dossiê temático, *Estéticas Especulativas Decolonias: Brasil, África, Portugal*, nasce da necessidade de compreender o campo estético como especulação, isto é, como modo de materializar outros futuros no presente e também de retrabalhar a força do passado colonial e sua duração injuriosa nas operações atuais do poder.

Elaborado ao longo de quase um ano, este dossiê em sua proposição inicial tinha como interesse receber perspectivas artísticas e trabalhos acadêmicos a partir da discussão pós-colonial no campo das artes já premente em contextos europeus e norte-americanos, e do reinteresse em estéticas e imaginários anti-coloniais face às novas estruturas de recolonização no presente e do amplo debate que agora investe-se no Brasil acerca do pensamento decolonial no campo artístico, haja visto que o ano de 2018 foi tido como o ano “em que os negros entraram em pauta no mundo das artes”, segundo artigo publicado pela Carta Capital (12/12/2018). No ano passado, a cena artística brasileira viu surgir *Histórias Afro-Atlânticas* (MASP/ Thomie Othake), *Ex-Africa* (CCBB), *Jamaica, Jamaica* (Sesc 24 de Maio), *A Costura da Memória*, de Rosana Paulino (Pinacoteca de São Paulo), além da forte presença negra na *FLIP - Feira Literária Internacional de Paraty*, entre muitas outras iniciativas.

Por que assumir como síntese o pensamento decolonial em um dossiê que se debruça sobre imagens e performances pós-coloniais, anti-coloniais e decoloniais? Compreendemos o pós-colonial no rastro do pós-estruturalismo e da desconstrução, reassumindo no contexto atual da América Latina as mesmas lacunas já apontadas pelos teóricos decoloniais dos anos 1990. Neste dossiê, os artigos de Maria Lidiany de Sousa, sobre o perspectivismo ameríndio, e de Ricardo Nascimento, sobre a estética da ginga, atualizam panoramas que consideram insuficiente o pensamento pós-colonial para dar conta de vivências, modos de ser e de pensar a experiência estética indígena ou afro-brasileira fora do campo visual. De forma semelhante, o mero antagonismo anti-colonial parece não deixar espaço para as ambiguidades, contradições e negociações interculturais entre ex-colonizados e ex-colonos que são tão próprias a contextos cultural e racialmente complexos como Brasil e Angola – país que aparece em alguns textos. A decolonilidade como projeto epistêmico e artístico permite pensar o que ainda não está realizado. Permite vislumbrar

a descolonização de mentes e corações num contexto libertário, futurista, antecipatório e, por isso mesmo, especulativo. O decolonial antevê e deseja.

Teóricos indispensáveis ao presente, como Achille Mbembe, afirmam que a colonização, como forma de poder constituinte próprio à modernidade, desencadeou alucinações e paradoxos incalculáveis. Em *Crítica da Razão Negra*, Mbembe esclarece que a expansão territorial, econômica e política da Europa através dos vários continentes do planeta arrastou consigo um complexo de fantasias e delírios da onipotência e da imaginação europeia cujos efeitos aparentemente insondáveis coincidiram com o trabalho da morte. O poder da representação na materialidade histórica do colonialismo não se separa facilmente da captura, do esvaziamento e da coisificação dos muitos corpos encontrados pelo caminho, um escândalo que revela a força constitutiva e ao mesmo tempo devastadora dos signos, das ideias e das imagens no campo da economia política. A materialidade do poder colonial abarca as dimensões abstratas e discursivas, e portanto também as dimensões da imagem e da representação. Acreditamos que a crítica do paradigma moderno de homem (sic), do imperialismo e do colonialismo que constituíram a fabricação do Brasil (e de outros mundos) permanecerá inacabada, portanto, enquanto negligenciarmos os diversos modos como a arte e a produção do sensível coincidem com a reprodução escandalosa do “alterocídio” (MBEMBE, 2018), do racismo e, em última instância, da proliferação da morte como modo de governança.

Mas é preciso, ao manter isto como premissa, também indagar como a arte e a experiência estética (através da imagem, do corpo, da voz etc.) produz “variáveis imaginativas” (LEPECKI, 2017) dos diagramas de poder instituídos. Por isso, observamos que é com certo atraso histórico que a reflexão sobre o colonialismo no campo das artes no Brasil assume os limites incontornáveis que agora pulsam nas veias produtivas de inúmerxs artistas brasileirxs, ainda marginalizados pelas estruturas hierarquizantes e elitistas da vida artística no país. O senso comum que sempre relegou aos povos originários, aos afrodescendentes e aos negros, o lugar esvaziado da representação/ilustração da vida brasileira é duramente questionado pela potência do debate, por exemplo, em torno da noção do “lugar de fala” (RIBEIRO, 2019). Esse conceito operativo surge no contexto do feminismo interseccional americano para reivindicar a diferença/alteridade dos sujeitos falantes – em detrimento de um sujeito que fala em nome de um saber “universal” – e para reivindicar a diferença reconhecida dos lugares de onde partem os discursos, marcados pela raça, pela classe social, pelo gênero e por outros diversos modos de “negatividade” social.

Algumas artistas e feministas negras brasileiras, como Jota Mombaça e Djamila Ribeiro esgarçam este conceito, levando o questionamento em torno do “lugar de fala” no Brasil para um debate que questiona os traumas, as fobias, os desejos e as pulsões advindas de um passado colonial e o racismo estrutural que marca a sociedade brasileira, heranças do tráfico transatlântico de pessoas escravizadas oriundas de África para as Américas e o Caribe como parte do desenvolvimento do projeto moderno da

exploração econômica colonizadora. A certeza de que é preciso, se quisermos romper com o complexo imaginário, simbólico e afetivo da colonização, uma rotura com o modelo colonialista patriarcal, eurocêntrico, judeu-cristocêntrico e heterossexual, move, nos dias de hoje, uma significativa parte da produção artística no Brasil, como atesta o artigo de Nathalia Ferreira Gonçalves sobre a performatividade da abjeção no trabalho do *Coletivo Coiote*.

De forma diferente, porém relacionada, a produção de uma série de artistas africanos move-se também na direção de temáticas e procedimentos que pretendem rever os discursos coloniais e reorganizar as referências culturais, simbólicas e afetivas que fizeram do continente africano, ao mesmo tempo, uma máquina desenfreada da significação onírica europeia e uma ferida aberta na crise moral, política e semiótica das noções modernas de responsabilidade e justiça. Em Angola, por exemplo, artistas como Kiluanji Kia Henda, Yonamine Miguel, Mónica de Miranda – esta última figura central do artigo da pesquisadora portuguesa Ana Balona, neste dossiê – produzem, na diáspora, olhares inquietantes desse passado colonial e, ao serem absorvidos pelo sistema das artes, impõem novos olhares, outras vozes da história e uma produção artística que redimensiona a maneira com a qual o circuito europeu relaciona-se com a arte “africana”. Novas figurações de África e suas agências políticas e estéticas, seja no continente africano, no Brasil ou em Portugal, aparecem ainda fortemente nos artigos de Ana Cristina Pereira, de Jusciele Oliveira, de Laura Burocco, no artigo assinado a quatro mãos por Morgana Gama e Paulo Cunha, e no artigo-diálogo de Michelle Sales (coeditora do dossiê) e Marta Lança. Como campo especulativo, o cinema foi fortemente trazido à tona e ativado no campo decolonial, e num contexto em que talvez alguns atestam sua morte, a visualidade cinematográfica reassume nova força.

A quantidade de contribuições chegando de Portugal para o dossiê deixa claro que o contexto cultural de disputa discursiva também se intensifica na antiga metrópole. Apesar dessas questões em solo europeu causarem repercussões distintas, é cada vez mais evidente artistas portuguesas – como Grada Kilomba, Ângela Ferreira e Filipa César, por exemplo – que se posicionam criticamente em relação ao olhar eurocêntrico e, nomeadamente, à branquitude do sistema das artes, complicando as relações culturais já esgarçadas entre a ex-metrópole e as ex-colônias.

O dossiê *Estéticas Especulativas Decolonias: Brasil, África, Portugal* amplia ainda a discussão política do campo das artes em relação ao paradigma decolonial na teoria crítica contemporânea, como fica evidente nos artigos de Isabel Stein, Catarina Andrade, Joana D’Arc de Sousa Lima, Maria Lidiany Tributino de Sousa, Tiago Vieira da Silva e no ensaio de Nathan Tejada e Sábatha Fernandes. Reflexões oriundas do espaço linguístico e geopolítico partilhado pelos países de língua portuguesa levantam não apenas questões estéticas insistentes sobre representação, violência e descolonização, como também revela aspectos políticos em comum, remodelando o campo da pesquisa em artes brasileira como um espaço imaginário comum partilhado pelos três continentes impactados pela herança colonial.

Ao lado do panorama acadêmico, este dossiê reúne também o trabalho artístico dos artistas Ruy Figueiredo, André Feitosa e Jorge Cabrera. Em seu percurso, Ruy é capaz de vislumbrar, através de poéticas fortemente ligadas ao território e à performatividade do corpo, mundos possíveis e conexões futuras.

O que separa o campo artístico da magia, das zonas desconhecidas da espiritualidade e da ancestralidade? Confronta-nos André Feitosa em sua obra instalativa e interventora, ocupando literalmente espaços cuja expectativa do “público” é reorganizada.

Em todos os trabalhos, tão importante quanto a linguagem assumida na obra é a identidade de quem o produz, debate tão presente na arte contemporânea e no trabalho do brasileiro-venezuelano Jorge Cabrera.

Assim, a Revista Vazantes, em seu terceiro ano e quinta edição, lança este dossiê como intervenção e expansão do debate decolonial que ronda a pesquisa contemporânea em artes, tocando nas questões da corporeidade (como no artigo de Ricardo Nascimento sobre a “ginga” e no artigo de Nathalia Ferreira Gonçalves), nas questões referentes à mídia e ao cinema comercial (Laura Burocco), à curadoria (Joana D’Arc de Sousa Lima), à pedagogia (Nathan Tejada e Sábatha Fernandes), à antropologia (Maria Lidiany), à imagem (Isabel Stein), ao audiovisual (Ana Cristina Pereira, Catarina Andrade, Jusciele Oliveira, Morgana Gama e Paulo Cunha, Tiago Vieira da Silva) e à arte contemporânea em sua transdisciplinaridade (Ana Balona, Michelle Sales e Marta Lança). Com mais este dossiê temático, a Vazantes reafirma sua missão de aprofundar a pesquisa em artes no Brasil sem perder de vista as nossas lutas no atual contexto político no qual a Matriz Colonial de Poder parece querer recuperar uma força que não é apenas retórica.

Michelle Sales e Pablo Assumpção

Referências

- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- LEPECKI, André. “The Politics of Speculative Imagination in Contemporary Choreography” IN: KOWAL, Rebekah J., SIEGMUND, Gerald, e MARTIN, Randy. *The Oxford Handbook of Dance and Politics*. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- RIBEIRO, Djamil. *Lugar de Fala*. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

Capa da revista: Jorge Cabrera, **Insertion with device of alterity**.